

O SONHO DE INÊS

RUI CINTRA

Bom, esta pretende ser uma peça sobre a juventude e sobre o amor. Na juventude, o amor surge como descoberta e como aventura e nada pode simbolizar mais uma aventura que uma viagem de Inter-rail. Depois, a peça gira numa sucessão de quadros

mais ou menos ligados entre si mas um tanto ou quanto casuísticos, que assim se vão perdendo. A história é, por vezes, desconexa, alongando-se demasiado e por volta das onze da noite já estamos a agitar-nos nas cadeiras a soltar suspiros. Referências como o roubo da gasolina, o homem que queria fazer um espectáculo de Mozart, o sonho de Inês, entre outras, não conduzem a lado nenhum. Sentimos sempre que há no espectáculo coisas a mais, que lhe retiram o equilíbrio. Enquanto retrato da juventude é um tanto déja vu. Os pais dos jovens são "tios" com crises de adolescência tardia (parece que a adultícia tem o dom de nos entontecer) e o estudo da juventude, ainda que rico em situações promissoras, que nos deixam na expectativa (como o desafio à autoridade que o jovem Maio, na ausência de um pai, acaba por desenvolver face ao polícia que anda com a sua ex-namorada), acaba por se ficar pela rama. Se a peça fala de amor também aí fica muito por dizer. Apresenta-se, no palco, a fusão e consequente aniquilação obsessiva dos amantes e, ao mesmo tempo, a superficialidade das

relações. As referências literárias estão lá e ficam sempre bem, ainda que não se saiba ao certo porquê. Opções.

O conflito de gerações também fica latente como indicação tangencial, enquanto mera constatação da ausência de conflito, dada pelos pais-galinha que ficaram esvaziados na passagem dos anos 60 para os anos 90. Ficamos nas mãos com a falta de profundidade desta abordagem. O que é assustador. Outro dos problemas tem a ver com a incongruência musical. Se no início, a peça abre com músicas dos Platters e depois passa para Mozart, perde de seguida o fio condutor, ficando-se pelo ruído (o próprio estado da música actual?). Não se percebe porque é que a música perde a sua importância ao longo do desenrolar da peça. Tal como diz uma das personagens logo no início, nesta história não se passa nada. Ainda assim, o espectáculo tem o dom de nos fazer sorrir num ou outro momento bem conseguido.

Da encenação de Álvaro Correia pode dizer-se que é atenta e que resolve os problemas do texto, apanhando as suas subtilidades. Das actuações, e trata-se aqui de um elenco muito jovem, destacam-se os trabalhos de Manuela Couto, que consegue sempre ser divertida nos registos cómicos e o de Joana Seixas, que se sai muito bem nas poucas falas que lhe calharam. Uma nota para o desenho de luz que, sem ser extraordinário, é um dos complementos mais importantes do espectáculo. Do resto, pouco mais há a dizer.

INTER-RAIL

DE ABEL NEVES

ENC. DE ÁLVARO CORREIA

TEATRO DA COMUNA DE QU. A SÁB. ÀS 21H30, DOM. ÀS 17H.